

A MÁSCARA NA CULTURA POPULAR E SUAS FUNÇÕES NA CULTURA DOS PAPANGUS EM BEBERIBE - CEARÁ.

Pedro Pereira Do Nascimento ¹
Bruno Goulart ²

RESUMO

A máscara é um adereço que faz parte da história das performances, principalmente relacionada à cultura popular. Esse objeto também faz parte da formação dos Papangus, que são pessoas que se travestem e saem às ruas fazendo brincadeiras, algazarras. A cultura dos Papangus em Beberibe é composta por um roteiro de festas organizadas na Semana Santa. A máscara dentro desse contexto é elemento principal, ela é protetora da identidade do brincante, fazendo-o performar a partir do anonimato, construindo assim performances exacerbadas, intensas. Os objetivos deste trabalho foram debater a relação da máscara com a cultura popular, usando como recorte os Papangus em Beberibe, junto a isso, entender os privilégios que o anonimato propõe aos brincantes. O método para elaboração deste trabalho se baseou em observações feitas nas festas e cortejos dos Papangus em 2018 e 2019 em Beberibe-Ce. No trabalho identificamos a máscara e seu caráter popular desde de sua inserção em seus simbolismos religiosos, além disso, em sua utilização em festas que uniam aspectos religiosos e cotidianos, como a festa da colheita na idade média na França. A máscara em todo esse processo faz parte da cultura popular como elemento possibilitador da exacerbação das performances, fazendo com que o brincante parta de um ponto inicial em que sua figura oficial está coberta, sendo assim ator de um espaço anônimo. Sendo assim a máscara tem caráter permissivo na performance, que é aparente na história da cultura popular, mas principalmente é a porta para o campo do anonimato.

Palavras-chave: Máscara; Cultura Popular; Papangus; Anonimato.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unidade Acadêmica dos Palmares , Discente, pereirapedro99.n@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unidade Acadêmica dos Palmares , Docente, brunogoulart@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

Os festejos populares com brincantes que usam máscaras permeiam os roteiros culturais do Brasil, como por exemplo as Cavalhadas em Pirenópolis no estado de Goiás, Bumba meu Boi, que é difundido no Nordeste, as festas de reis que acontecem em todo Brasil. Entre essas manifestações a cultura dos Papangus se faz presente nessa categoria de folguedo que carrega nos seus festejos a máscara. Os Papangus são figuras constantes e populares que vão estar presentes em vários lugares do Nordeste brasileiro, como no carnaval de Bezerros em Pernambuco. Os brincantes, junto com suas máscaras e trajes, apresentam performances exacerbadas nas festas e cortejos que participam, fazendo-se presentes em períodos diferentes em cada lugar, muitas vezes no feriado do Carnaval mas também na Semana Santa.

O Papangu é uma pessoa que se traveste e usa a máscara para performar nas ruas e em festas. Esses eventos em Beberibe acontecem no feriado da Semana Santa, apresentando um roteiro marcado por festejos que vão se espalhar por todo município, mas damos destaque neste trabalho às manifestações no distrito de Sucatinga, já que une várias comunidades brincantes como Uruaú, Barra da Sucatinga, Lagoa Funda, Lagoa de Dentro, Piquiri e Cumbe.

A máscara na cultura popular, em um recorte dos Papangus em Beberibe, foi o aspecto motivador para a escrita deste trabalho, pensando principalmente nas funções que o anonimato proporciona ao brincante. Sendo assim, os objetivos deste trabalho é debater a relação da máscara com a cultura popular, ademais, entender os privilégios que o anonimato da máscara propõe aos brincantes de Papangus.

METODOLOGIA

Esse trabalho faz parte de uma pesquisa relacionada aos Papangus de Beberibe, desenvolvida em 2018 e 2019, que se estendeu com outras temáticas pelos anos de 2020, 2021 e 2022 mesmo em contextos pandêmicos, motivados pela propagação da COVID - 19. O método utilizado foi a observação participante, visitando e acompanhando os eventos e cortejos dos Papangus em 2018 e 2019 nas comunidades de Uruaú, Cumbe, Sucatinga e Lagoa Funda, junto a isso uma pesquisa bibliográfica acerca das funções da máscara na cultura popular.

Nos anos de 2018 e 2019, o acompanhamento dos grupos brincantes se deu antes do período da Semana Santa, em que começamos a observar a preparação, escolha da máscara, traje e da confecção do chicote. Posteriormente as observações se voltaram para os cortejos, principalmente na comunidade de Uruaú, junto a isso o acompanhamento do roteiro de festas, indo para o Lagoa funda, Sucatinga, Caetano e Cumbe.

Nos anos de 2020 e 2021, as observações da manifestação, que ocorria de forma clandestina devido às restrições da pandemia da COVID - 19, foram feitas a partir da análise de vídeos disponibilizados em grupos de Whatsapp onde estava inserido, por descender de um passado brincante. Em 2022 as observações se deram com o acompanhamento do retorno das festas, assim como 2018 e 2019, acompanhando os roteiros da manifestação em Beberibe.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensando em um roteiro sobre a máscara na cultura popular, destacamos que ela parte primeiramente de um sentido religioso, principalmente voltados aos cultos pagãos, criação de totens, uma aproximação do divino e com o terreno, ou como escreve Borralho: [...] ela não é um objeto meramente revelador, com uma função psicológica, é sim um arquétipo do deus, ou anterior a isso, um véu protetor quando da manifestação da

epifania da deidade. Funciona assim como a visita do deus ao sacerdote que o invoca na celebração do ritual e o seu corpo entra em contato com ele. Ela é então arquétipo, lúbrica (no sentido de sensual), como também totêmica, provoca o animal que 'está dentro' e o seu uso é a tentativa de acalmar esse animal (BORRALHO, 2010, p. 168).

Entre essa associação apresentada com relação a máscara o caráter litúrgico foi constante, ela é o objeto de acesso e de contato com o divino, de construções de divindades que muitas vezes não são nem humanas nem animais, isso em várias culturas, que simbolizam a utilização e os sentidos da máscara de uma forma primária, que vão estar diretamente ligadas às práticas rituais religiosas como coloca Borralho (2010).

A conexão do sentido sagrado da máscara unido com o popular, vai estar imbricado, já que a sua utilização estava presente em eventos de cultura ao cotidiano, festa da colheita, da fertilidade, como ressalta muitas vezes Bakhtin (1993) em seu trabalho: *Cultura Popular na Idade Média*. Nesse contexto, as ações com máscara se tornaram resultados de um público consumidor e produtor da cultura popular, fazendo com que ela permeasse os sentidos do sagrado, profano e popular dos seus povos.

É importante ressaltar que fazer um percurso da história da máscara não caberia neste trabalho, mas é importante destacar que ela é um adereço que faz parte da história da cultura popular, vale também destacar o tamanho dessa temática, e para isso Bazzo vem trazendo que "a construção da máscara foi um fenômeno universal, podendo ser verificado em todas as regiões da terra, principalmente em se tratando das máscaras funerárias, usadas por muito tempo na mesopotâmia, no Egito, na Grécia, Síria, etc; (BAZZO, 1994, p. 25).

Pulando esse bloco expansivo, que seria a história das máscaras na cultura popular, e pensemos a partir do que escreve Bakhtin (1993) a respeito das funções da máscara nas atividades promovidas popularmente.

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as "macaquices" são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco. (BAKHTIN, 1993, p. 35)

No Brasil, as manifestações populares que abrigam em suas performances figuras mascaradas vão se espalhar por todo o país, ocupando espaços nos feriados de datas litúrgicas do catolicismo, contemplando um dos aspectos caros à cultura popular segundo Bakhtin (1993), que é a paródia, a ação de brincar com o que é sério, zombar do sagrado, transformando em cômico o que é oficial, e trazendo tudo isso para a praça pública, que é espaço democrático das ações, lugar do povo.

Os eventos populares, que utilizam da máscara, que Borralho (2010) vem chamando de “teatro popular” e que ocorrem no Brasil, por muitas vezes acontecem em espaços temporais ligados aos eventos cristãos. Borralho (2010) vem dividir essas manifestações a partir das temporalidades do “Ciclo Pascal”, iniciando na quaresma e se estendendo até a Semana Santa, e “Ciclo Pentecostal”. E a cultura dos Papangus vai se apresentar dentro desse contexto, especificamente no ciclo pascal, é uma festa que acontece na Semana Santa, especificamente na sexta feira santa, sábado de aleluia e no domingo de páscoa. Nesse período, em Beberibe, os Papangus compõem esse roteiro da cultura popular.

Os Papangus são pessoas que se travestem, usam de máscaras para a fundamentação da sua performance, sendo uma manifestação popular por ser partícipe de uma cultura produzida e consumida pelo povo. A máscara nessa manifestação vai ser o objeto mais importante, já que ela vai ser a protetora da imagem oficial do brincante, já que cobre seu rosto, sendo também a porta de entrada para o campo do anonimato, que vai ser o espaço de atuação e criação de quem brinca. As performances exacerbadas, o consumo da cachaça, as danças mirabolantes, os palavrões e entre outras coisas vão estar presente na brincadeira, legitimadas pelo uso da máscara, que propõe no momento da festa um caráter permissivo, fazendo com que os Papangus se tornem naquele momento participantes de uma “casta privilegiada” como coloca Lourenço (2012).

Diferentemente do teatro de máscaras neutras, fazendo um paralelo com uma manifestação que ganhou os palcos eruditos, as expressões das máscaras dos Papangus são construídas a partir da estética apresentada, ou fixada nos rostos dos brincantes, imagens como bruxas, diabos, lobos, piratas e palhaços participam das performances trazendo sentidos que não são neutros mas sim grotescos, trazendo o medo junto da alegria do riso, aspectos fundamentais e participantes da cultura popular como escreve Bakhtin (1993).

O brincante de Papangu procura nas performances exacerbadas proporcionadas pelo anonimato, o prazer e a alegria. A máscara é o meio para isso, é a porta de entrada para o anonimato, as festas e as ruas são os palcos dessas atuações, o público alvo é o povo, os mesmos que participam e legitimam a manifestação.

CONCLUSÕES

A máscara é elemento formador da figura do Papangu, é a fagulha que acende as performances exacerbadas. Durante sua história teve vários sentidos e habitou vários campos, sendo adotada em espaços religiosos, a partir da sua utilização em manifestações que ganharam a popularidade, seja nos cultos pagãos ou nas paródias dos eventos oficiais conectando e renovando seus sentidos em vários espaços de atuação, compondo um amplo campo que é a cultura popular.

A cultura dos Papangus vai representar, nesse contexto, as funções da máscara na cultura popular, ações como as danças mirabolantes, os palavrões, o consumo da cachaça, brincadeiras entre outras coisas, vão acontecer em função dos privilégios que a máscara proporciona, sendo ela a capa protetora e legitimadora das ações exacerbadas, alimentando a liberdade de atuação. Nesse caso, entendemos que na composição da performance do Papangu o anonimato é o espaço possibilitador, espaço de atuação do brincante, e a máscara é um instrumento de entrada que leva aos brincantes a escolha de como performar, e aí está a parte

problematizante do anonimato, de como agir a partir da coberta de sua identidade oficial, e isso decidido a partir de quem brinca.

Novamente ressaltando, a máscara é o meio, e no contexto dos Papangus, não neutro, carrega em sua estética, que apresenta figuras grotescas, uma prévia cômica das ações dos brincantes, que assustam mas também fazem rir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço os brincantes do distrito de Sucatinga-Beberibe-Ceará, pela participação em fotos e disponibilização de arquivos. Junto a isso aos professor Bruno Goulart que me acompanhou na produção deste e de outros trabalhos anteriores.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAZZO, Ezio Flavio. Máscaras e disfarces. Editora Ltda, Brasília-DF, 1994.

BORRALHO, Tácito. As Máscaras nas Manifestações Teatrais Populares Brasileiras. in BELTRAME, Valmor Níni; ANDRADE, Milton de. Teatro de máscaras. Florianópolis: UDESC, 2011. p. 167-188.

LOURENÇO, Frank. O pré-teatro e a função da máscara: O fogo brincante dos Papangus. ILINX-Revista do LUME, v. 1, n. 1, 2012.